J. GOMES DA SILVA

VIAGEM A SIAM

MACAU

TYPOGRAPHIA DO *Independente*

1889.

A publicidade d'este folheto é restricta, como o seu merecimento. Não me moveram a ella desejos de reputação litteraria nem esperanças de ser util a qualquer dos ramos da sciencia humana. Sirva esta declaração de attenuante ao arrojo de dar a fórma pretenciosa de livro a umas cartas simples e desprendidas, que já tinham visto a luz pública nas columnas jornalisticas.

As viagens a Siam são raras e não ha, que eu saiba, escripto nenhum em portuguez sobre este pequeno paiz original, d'um orientalismo antigo e perfeito. E' possivel que este facto desperte a curiosidade de alguns dos leitores d'este folheto; e 'nesse caso a fórma que lhe dou hoje está perfeitamente justificada pela commodidade da leitura.

Uns leves retoques aqui e alem, pouco sensiveis aliaz, alteraram 'num ou 'noutro ponto o primitivo texto das cartas. De resto, os factos subsistem os mesmos e na mesma ordem chronologica.

Macau 1 de julho de 1889.

J. Gomes da Silva.

VIAGEM A SIAM.

I

Embarque em Singapura. A pontualidade ingleza. Companheiros de viagem. As accommodações a bordo do *Medusa*; o salão e os beliches. Jantar no tombadilho. A *Fera*. O sexto sentido dos chinas e a tolerancia ingleza. As margens do Ménam. A povoação de Pak-nam. Visita aduaneira. O guarda da alfandega, o sabre e o inglez. Desembarque em Bangkok. No consulado. As carruagens e o cortezão siamez. O principe Devawongse.

No dia 1 de fevereiro de 1888, pelas tres horas da tarde, embarcavam, em frente do caes do correio, em Singapura, o ministro portuguez e a sua comitiva (*), com destino á capital do reino de Siam, aonde s. exa. ia apresentar o diploma que o acreditava como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto ao monarcha siamez.

O sol caía a prumo sobre a densa e irrequieta população de Singapura; e o calor, que d'elle dimanava intenso, era suavemente modificado por uma agradavel brisa, soprando do lado da vasta bacia, que serve de porto á orgulhosa Gibraltar do extremo oriente.

A hora do embarque, impropria a europeus 'nestas paragens, fôra-nos imposta pela companhia "Blue Funnel," que determinára a saida do *Me-*

(*) O pessoal da legação portugueza compunha-se do ministro plenipotenciario, Firmino J. da Costa, coronel de engenheiros, e sua esposa; secretario, J. Gomes da Silva; addido official, alferes J. de Nogueira Chaby; e addido particular, Raul C. F. da Costa.

dusa ás 4 da tarde. A esse tempo, já installados a bordo, ousamos perguntar ao commandante a hora da partida do navio. Depois de calcular, pelas embarcações que circumdavam o *Medusa*, o tempo indispensavel á carga, o commandante respondeu com o melhor dos seus sorrisos:

—Provavelmente, ás 7 da noite levantaremos ferro.

Pela minha parte, admirei mais uma vez a caracteristica pontualidade ingleza. Pois que são tres horas de mais ou de menos, em uma viagem de tres dias?

Effectivamente, ás 7 horas da noite, o commandante teve ideia de sair, supponho eu; mas, como ainda havia carga a metter, só levantou ferro ás 7 e tres quartos. A essa hora, o *Medusa* dispoz-se definitivamente a partir; mas então levantou-se um obstaculo, para mim inesperado. O ancoradouro não tinha agua bastante; a maré, a que não assistiam as mesmas razões que ao commandante, não esperára como elle; fôra descendo, descendo, e a quilha do navio repousava docemente no lodo da bacia de Singapura.

Ah! que saudades tive então do querido porto de Macau! Eu, que julgava perfeitamente nacional o prazer de navegar sobre lodo, eu, que supponha que só os portuguezes eram capazes de assistir indifferentes ao assoriamento d'um porto, eu tive de conformar-me com a ideia de que os inglezes tambem gozam, tambem sentem por vezes nos seus portos o agradavel, o suave prurido d'um navio arrastando no lodo da vasante.

Afinal, depois de ter andado a ré por algum tempo, o *Medusa* aproou ao mar largo, passando por entre os navios de guerra fundeados, transpoz a

barra, perdeu de vista os pharoes e achou-se por uma noite de luar, tepida e serena, á entrada do golfo de Siam.

Ao jantar, verificamos que, além do pessoal da missão e familia do ministro, havia mais dois passageiros, Mr. French, consul interino de Inglaterra em Bangkok, e sua esposa, uma *lady* masculina, como todas as *ladies* em viagem, um rapaz vestido de mulher, como lhe chamava um dos meus companheiros de *cabin*.

E vem a proposito fallar das accomodações do navio e da disposição dos passageiros. No camarote sobre o tombadilho, ao lado do do commandante, haviam-se installado o consul e a consuleza de Inglaterra; ao ministro e comitiva foi-lhes concedida toda a camara. Ora, toda a camara constava de dois camarotes a dois beliches, uma casa de banho, uma copa e um espaço, para onde davam as portas, chamado salão, por analogia decerto com logar identico nos navios destinados a receber passageiros. 'Num dos camarotes, installaram-se o ministro e sua esposa; no outro o secretario, o addido e o filho do ministro; quanto aos dois criados accomodaram-se onde lhes foi possivel, sem que eu pudesse nunca verificar ao certo onde e como dormiam.

Para que coubessemos todos tres no camarote, que nos fôra obsequiosamente cedido, com dois beliches, improvisou-se uma cama sobre o logar destinado ás bagagens inseparaveis do viajante. E' claro que as bagagens referidas foram luxuosamente collocadas no *salão*.

O jantar, como todas as refeições dos seguintes dias, fez-se no tombadilho, a bombordo, em frente do camarote do consul. Na meza do salão jantavam os officiaes e machinistas, com excepção do

commandante, que presidia á nossa meza, e do 1.º machinista, a quem competiam as honras de dona da casa.

Era um urso gentil, este machinista. *Fera* lhe chamavam os meus companheiros. Sempre o ultimo a chegar e o primeiro a sair da meza. Em toda a viagem consegui que elle fallasse duas vezes. No primeiro dia, depois de alguns *yes*, indistinctamente articulados, logrei ouvir-lhe aventar que a lotação do navio estava completa, em relação a passageiros. Completa com tres passageiros 'num camarote para dois! A segunda e ultima vez que fallou foi antes da ultima refeição a bordo, quando o navio sulcava já as aguas lodosas do Ménam. Antes de sentar-se á meza, olhou para alguns dos passageiros, desenhou nos labios a sombra d'um sorriso feroz e disse 'num tom, que pretendia ser amavel e que apenas foi soturno:—. . . *morning!*

E foi tudo. Aquella barba hirsuta, aquellas articulações flectidas, aquelle olhar obliquo e vacillante, aquella lingua descolando-se apenas para comer, foram talhados para a solidão da machina, para o isolamento da vida entre oleos, embolos e torneiras. Aquelle *morning* do ultimo dia de viagem era um discurso completo, era o allivio d'um espirito opprimido, era a certeza de que nós deixariamos em breve o navio e de que elle, machinista, d'ahi em diante comeria só, isolado no seu meio, com os dedos engordurados pelo azeite e o rosto enfarruscado pelo carvão.

Desde o segundo dia da viagem, começou de sentir-se na camara um cheiro acre e nauseabundo, cuja procedencia não póde verificar-se. No terceiro dia, tornou-se impossivel entrar na camara, sem que os estomagos mais insensiveis se não revoltassem contra o cheiro que a pituitaria accusa-

va. Tivemos de dormir todos no tombadilho, em cadeiras longas de bambú, de que felizmente haviamos feito prévia acquisição. As hypotheses para a explicação do caso succediam-se. Havia por força ratos mortos em algum escaninho da camara; se não eram antes alguns mantimentos do respectivo paiol, que entravam em putrefacção; ou talvez o cheiro proviesse da comida dos indios, accumulados aos lados das escotilhas do castello de pôpa. E o cheiro augmentava e com elle as hypotheses. Afinal, no ultimo dia, quando o nosso egoismo já nem pensava em averiguar a causa do mal, descobriu-se que o cheiro nauseabundo procedia de tres jaccas mettidas na dispensa por um creado china de bordo. Como a jacca, a rastos de barata em Singapura, é excessivamente rara em Bangkok, o china que, como todos os seus conterraneos, tinha extremamente desenvolvido um sexto sentido, o do commercio, procurava transformar algumas sapecas em ticaes por aquelle processo, aliaz simples e commodo... para elle. De pouco lhe valeu afinal o egoismo, porque o commandante apenas conheceu da causa do cheiro que havia na camara, obrigou, com modos um pouco inglezes, o pobre china a arrojar ás aguas do Ménam o fructo... das suas esperanças.

Desde Singapura, aproaramos sempre ao norte e noroeste, o que, já pela força da monção, já pelas correntes a vencer, produzia um balanço mais ou menos incommodo durante a viagem.

Apenas no terceiro dia, depois de entrarmos definitivamente no golfo, o mar serenou um pouco, para se transformar mais tarde no verde lago da foz do Ménam.

Ás 8 e meia da manhã do dia 5, subia o *Medusa* o rio de Bangkok. O tempo estava fresco e nevoado, mas limpou depois e aqueceu á medida que

nos internavamos no paiz. As margens do Ménam lembram muito as do Donnai e do seu affluente, o rio de Saigon. A mesma exhuberancia de vegetação, cogulando vastissimas planicies inundadas, mas d'um tom verde mais variado pela diversidade de leguminosas arboreas, de frondosas palmaceas, de trepadeiras emmaranhadas, enroscando-se nos troncos annosos e unindo-os por laços de uma vegetação possante e cerrada.

A pouca distancia da fóz, rio acima, encontra-se na margem esquerda a povoação de Pak-nam, que dá logo uma ideia das povoações indigenas de Siam. Sobre o rio debruçam-se miseraveis barracas de madeira e colmo, assentes sobre estacas, mergulhadas no lodo, ou sobre jangadas, perfeitamente fluctuantes ao sabor da maré. Uma delegação da alfandega de Bangkok occupa alli a casa de melhor apparencia, que ainda assim sería residencia pouco toleravel para um europeu. A meio rio, em face da povoação, ergue-se uma fortaleza, em que o binoculo não logrou descobrir-me uma unica peça d'artilheria; e a montante da fortaleza, um templo coroado de minerates agudos, de estylo persa, elegante e original. A margem direita 'neste ponto conta apenas uma ou outra palhoça indigena, pelo molde das de Pak-nam.

Ao passar em frente da povoação, o *Medusa* sustou o trabalho da helice, marchando apenas com a velocidade adquirida e a força da maré. Extranhei o facto, mas nem cheguei a indagar da causa, porque se me patenteou logo. Remava para bordo um escaler, trazendo, ao que parecia, uma visita official. Era de facto um guarda fiscal ou coisa que o valia, que vinha para vigiar a descarga do *Medusa* no porto.

Estavamos então na ponte, o ministro e eu, apreciando o traje dos remadores e o do proprio

guarda, que merecia bem uma analyse, ligeira que fosse. A cabeça descoberta, uma especie de cabaia azul cinturada por uma fita amarella, uma lipa malaia, de que uma das pontas, passando por entre pernas para as costas, lhe fazia tomar o aspecto de calções, e os pés e pernas completamente nus. Na mão direita um punhado de tabaco, na mão esquerda um sabre embainhado, na bocca betle e areca.

Apenas o guarda entrou pelo portaló de estibordo, o 2.º machinista do *Medusa*, um inglez novo ainda e de feição alegre, dirigiu-se gravemente a elle. O guarda estacára sem dar palavra nem fazer gesto algum de reconhecimento; limitára-se a pousar o sabre sobre uma barrica encostada á amurada, a expectorar os restos do betle e areca mascados e a introduzir na bocca o tabaco trazido na mão. O inglez, pela sua parte, não dirigiu a palavra ao indigena. Foi direito ao sabre, desembainhou-o lentamente, expoz á vista curiosa dos passageiros a lamina ferrugenta e carcomida, olhou para nós, sorriu discretamente e, com toda a imperturbabilidade, tornou a embainhar o sabre e a pôl-o sobre a barrica. Depois, encarou com o guarda, volveu o olhar para a ponte, sorriu de novo e retirou-se, acenando levemente a cabeça. O guarda continuou, sereno e immutavel, a mascar o seu tabaco, sem dar indicio de ter percebido a scena muda, mas significativa.

Quando hão-de os siamezes conseguir que os filhos da orgulhosa Albion os encarem a serio, como já hoje vão encarando os japonezes e chinas?

Desde que entrou o guarda, retomou o *Medusa* a velocidade primitiva e foi seguindo rio acima até á altura da concessão americana. Ahi fundeou, começando logo os preparativos para a descarga. Minutos depois atracava ao *Medusa* uma lancha a

vapor, conduzindo o consul geral, Frederico Pereira, um bom funccionario e um bom *viveur*, distincto como a generalidade dos officiaes da marinha portugueza, a que elle se honra de pertencer.

Embarcamos na lancha, apenas nos despedimos dos nossos dois companheiros de viagem e do capitão, que se esforçára por ser o mais amavel possivel comnosco e que o conseguíra completamente. A féra, o urso, o machinista, esse, quem lograria tornar a vel-o, emquanto houvesse passageiros a bordo!

Do fundeadouro do *Medusa* ao consulado portuguez não é grande a distancia, principalmente em lancha a vapor. Em pouco tempo de curso nas aguas opacas do Ménam, desembarcavamos no caes do consulado. A' entrada da casa, uma explendida construcção de alvenaria, esperava-nos a elegante e distincta consuleza, uma das senhoras mais galantes que a metropole tem mandado ás terras do Oriente.

Duas crianças encantadoras completam em Bangkok a familia do nosso consul, que logrou installar sob a zona torrida um ninho de felicidade, transportado do extremo Occidente.

A's 4 da tarde paravam á porta do edificio do consulado duas carruagens, com cocheiros e lacaios de libré vermelha, calção azul, capacete branco, pés e pernas descalços e ar pretencioso. Dentro de uma das carruagens vinha um pipo enorme, uma bola humana, que desceu com algum esforço, poz cautelosamente o pé no estribo, sem que elle vergasse ou partisse, o que me deu uma favoravel ideia da solidez d'estes vehiculos, firmou-se em terra, subiu gravemente a escada e offereceu-nos, em magnifico inglez, a hospitalidade de S. A. R. o ministro dos negocios extrangeiros.

Despedimo'-nos da amavel familia, que havia tão poucas horas nos agasalhava com tanta sollicitude e seguimos a installar-nos no palacio dos embaixadores, posto á disposição do ministro portuguez pelo principe Devawongse.

Este principe é o mesmo que, ha pouco ainda, esteve em Macau, em regresso da Europa a Siam, pela America. Irmão do rei actual, foi por elle incumbido da gerencia dos negocios extrangeiros, em que tem sabido crear um nome respeitado e estimado por extranhos e nacionaes. D'um tracto lhano e affavel, emprehendedor e adepto das ideias do seculo, está destinado a ser uma das mais importantes alavancas da civilisação do seu paiz. Estudioso e observador, deve necessariamente ter auferido proveitosas ideias e fundamentado importantes planos de reforma, com a viagem que ultimamente fez ás principaes cidades da Europa e da America do Norte.

Em alguns minutos foi transporta a distancia que separa o consulado e a habitação que nos fôra offerecida.

II

O palacio dos embaixadores. O china no extremo Oriente. A limpeza e a indolencia indigena. Lucta e hecatombe. Mosquitos e gralhas. O pendão das quinas e as madrugadas. A feitoria portugueza em Bangkok. A hora das visitas. O corpo consular e a diplomacia. No club. A temperatura e a valsa. A Veneza do Ménam. Reforço ás gralhas. O barbeiro e a tintura d'iodo. A autocracia da não-concorrencia. Politica interna siameza. Os principes em Siam. A esterlina effigie. A sympathia pela Inglaterra. O portuguez e o inglez ; outr'ora e hoje.

O palacio destinado á residencia temporaria da legação é um bello edificio, construido e mobilado á europeia, com todo o conforto que póde exigir-se 'num clima torrido. Aposentos espaçosos, ventilados, varandas destacadas do corpo do edificio, um vasto pateo correspondendo a cada uma das fachadas principaes, confinando d'um lado com uma das mais importantes ruas e do outro com um canal alimentado pelas aguas do Ménam. Duas carruagens e uma embarcação achamse sempre ás ordens de s. exa., promptas a partir ao primeiro signal.

O serviço de meza é explendidamente feito. A cosinha é franceza e os criados são chinas. Em Bangkok, como afinal em todo o extremo Oriente, á excepção do Japão, o china é o homem que trabalha. Em todas as cidades florescentes, que se estendem desde o imperio do Meio a Manila, ao longo da costa leste da Asia e das ilhas de Sunda,

a indolencia do indigena é compensada pela actividade do filho do Celeste Imperio. O movimento que caracterisa Shanghae e Hongkong e de que ha ainda vestigios em Macau, tem a mesma feição na Cochinchina, em Siam, em Singapura, em Java e ha-de-tel-a em Timor, quando o governo portuguez se resolver um dia a auxiliar e promover a emigração chineza em larga escala para aquella nossa desprezada colonia.

Por curiosidade, indaguei quaes os vencimentos d'aquelles cinco chinas, incumbidos do serviço de meza do ministro portuguez. Uma bagatella. Cada um d'elles percebe diariamente apenas 3 ticaes, uma pataca e oitenta avos, 1$600 reis! E os seus serviços são procurados com empenho, porque o indigena é completamente inutil para o trabalho voluntario, a que se nega, sempre que a necessidade o não constranja.

Se o serviço de meza é satisfactoriamente exercido, outro tanto não póde dizer-se do serviço de limpeza. O pó abunda por toda a parte em espessas camadas; as portas pintadas recentemente, conservam a impressão vermelha, ochracea, de dedos molhados pela saliva impregnada de areca; o marmore dos atrios e varandas está maculado de côres extranhas e dissidentes; os sobrados rangem sequiosos e abafados pelo pó dos tempos. Este contraste é aliaz de facil explicação. O serviço de limpeza está a cargo dos indigenas. E só eu sei á custa de que esforços consegui que dois d'estes cidadãos me auxiliassem moderadamente na limpeza dos meus aposentos.

Felizmente não me surprehende isto como não surprehende a ninguem que tenha viajado no extremo Oriente. Anamitas, malaios, siamezes, moluccanos, timores, regula tudo pela mesma bito-

la. Só as infusões de sangue europeu ou china podem dar-lhes actividade propria e despertar-lhes o amor do trabalho.

A noite de 5 para 6, passei-a em ameno cavaco na varanda do andar nobre do palacio e, depois, no remanso d'um leito protegido por um mosquiteiro d'arame. Protegido é quasi figura d'estylo. Tres vezes tive de erguer-me na cama como um espectro para, armado de uma toalha, sustentar uma lucta desegual, em que a vantagem não estava decerto do meu lado. Por cada mosquito que eu matava, surgiam tres ou quatro a vingar a victima do meu egoismo. Uma hecatombe até ás 3 horas da madrugada, em que, exhausto de forças, dominado pelo somno, resolvi ceder o meu corpo de vencido ao pasto dos ferozes dipteros.

Pela manhã, quando, mal retemperado ainda da lucta nocturna, me dispunha a mudar de decubito lateral, comprehendi a necessidade de ser madrugador 'neste paiz e a impossibilidade material de gozar o delicioso somno da manhã dos climas temperados. Uma algazarra, um verdadeiro charivari, partia do parapeito da janella do meu quarto e das arvores e telhados visinhos. Eram bandos enormes da gralhas, dando-se o bom dia de uma serena manhã, francamente prenunciadora do calor diurno d'estas latitudes.

Resignei-me, embora protestando *in petto* contra os alados importunos, e fui estirar-me sobre uma cadeira de róta, na varanda anterior do edificio. Ás 8 horas, gozei d'alli o içar das bandeiras nos consulados francez, allemão e austro-hungaro e na residencia do ministro norte-americano. Só mais tarde o pavilhão bicolor subiu ao tope do mastro do consulado portuguez.

E' justo. O pendão das quinas foi o primeiro a visitar estas paragens; hoje, usando dos seus di-

reitos de decano, é o ultimo a levantar-se. Não o incommodam as gralhas de manhã. Tivesse eu podido fazer o mesmo.

A installação do nosso consulado em Bangkok data de 1820. O terreno concedido para o estabelecimento da feitoria foi uma facha de 120^{m} sobre 86^{m}, na margem esquerda do Ménam, a pouco menos de uma legua do palacio real.

Fomos nós a primeira nação europeia que obteve dos siamezes a concessão de uma feitoria, a residencia de um consul e um tratado de amisade e commercio. A feitoria portugueza, que era então um terreno baldio, sem valor algum, achou-se mais tarde visinha de importantes residencias extrangeiras, o que lhe determinou um rendimento superior ao que era licito esperar. Um modesto estaleiro, que alli se estabelecêra, a par com a barraca servindo de residencia ao consul, acha-se hoje substituido por boas casas d'habitação, pagando um fôro de $2.000 ; e no logar da velha barraca levanta-se actualmente um bello edificio de alvenaria, em que á solidez das edificações europeias se alliam as condições impostas pela hygiene dos tropicos.

Despertou-me d'estas considerações a noção do tempo decorrido. Eram quasi horas de visitas e eu não procedêra ainda á *toilette* da manhã. As visitas em Bangkok, sobretudo as de cunho official, pagam-se e recebem-se das 11 ao meio dia e das 4 ás 5 e meia da tarde. Perfeitamente racional este costume, quanto á segunda hora ; inconvenientissimo porém, desde que obriga o europeu residente ou recemchegado a supportar á hora de maior calor um traje de passeio, incompativel com as prescripções da boa hygiene em paizes tropicaes.

O consul portuguez prevenira o ministro de que 'nesse dia o corpo consular, com excepção talvez do representante da Allemanha, viria cumprimental-o; não que a Allemanha fosse adversa á politica do extremo Occidente, mas porque o referido consul, pouco expansivo e um pouco arisco, não entrára no *complot* consular.

Effectivamente, ás 11 horas da manhã, annunciava-se uma visita, a primeira. Extraordinario acaso! era o consul allemão, o que não combinára visitar o ministro. Mas, phenomeno mais extradinario ainda, nenhum dos outros consules appareceu, de manhã nem de tarde!

A' noite, houve baile no club de Bangkok, em despedida á consuleza de França, condessa de Kergaradec, proxima a retirar-se para a Europa. O amavel convite feito ao ministro, extendia-se a toda a comitiva.

O club é situado na margem esquerda, um pouco a juzante do consulado portuguez. Ao caes segue-se um largo arborisado, que precede o edificio e onde, á luz brilhante das illuminações, tocavam alternadamente as bandas da guarda real e do corpo de marinheiros, cada uma com mais de 30 figuras e executando primorosamente escolhidos trechos d'operas italianas e francezas, em quanto não começavam as danças.

Pouco depois da entrada do ministro portuguez, foi dado o signal da primeira quadrilha. Desde as 9 da noite até ás 3 da manhã, a dança interrompeu-se apenas para a ceia, esplendidamente servida. Ao *toast* em quanto o *chargé d'affaires* d'Inglaterra levantava um brinde, enthusiasticamente correspondido, aos representantes da França, as duas bandas, no atrio, entoavam com brio a marselheza.

Terminada a ceia, reatou-se a serie de valsas e quadrilhas, até que o numero de senhoras se achou reduzido a quatro, sufficiente todavia para se dançarem os ultimos lanceiros.

Havia muito que se retirára o ministro com sua esposa. Eu, pela minha parte, resolvêra ficar, menos por enthusiasmo da dança, que por curiosidade de ver aonde podia ser levada a paixão pela valsa a uma temperatura de mais de 33 graus.

Acabado o baile, tive o prazer de regressar ao palacio em uma *gondola*. Chamo-lhe assim, á embarcação que me conduziu, porque, francamente, mais de uma vez, 'nestes passeios nocturnos, por estes canaes e por baixo d'estas pontes, o vogar tranquillo e sereno do meu *sampan* me tem feito sonhar que estas aguas são as do Adriatico—um pouco mais sujas, em verdade,—que esta Bangkok é Veneza ... com palhoças por palacios, e que Portugal está aqui ao pé, a quatro ou cinco dias de caminho de ferro. *Quod volumus* . . .

Na manhã de 7, voltou a despertar-me a algazarra da vespera. As gralhas lá estavam, negras, terriveis e reforçadas agora pelos gemidos pungentes de uma cabra, que ou pedia desesperadamente herva ou queria divertir-se á minha custa. Reagi d'esta vez; voltei-me para o outro lado, dando ao diabo tanto animal incommodativo, e consegui adormecer.

D'ahi a pouco, uma voz doce, maviosa, despertava-me suavemente. Abri a custo os olhos e dei de cara com o meu barbeiro. O meu, não é bem assim; o barbeiro de Bangkok.

Porque Bangkok, por extranho que pareça, tem um só barbeiro. Os 400 europeus que ha aqui, incluindo uns 30 portuguezes de Macau, ou não

teem barba ou a fazem a si proprios ou se entregam nas mãos d'este grande homem. A infinidade de collegas que o meu barbeiro tem, occupa-se toda em *fazer o cabello* aos 300:000 individuos que constituem a colonia chineza da capital de Siam. Desgraçado porém do europeu que entregar as faces á navalha insolente e descaroada dos barbeiros de Bangkok! O effeito é o da tintura d'iodo reforçada; os pellos ficam e a pelle vae-se.

Imagine-se a importancia que 'nestas condições assume um artista que tem a consciencia do seu merito e a tranquillidade da não-concorrencia; sobretudo, se o artista é china, como 'neste caso. E' mais do que um desposta, é um autocrata. E' elle quem marca os dias e a hora a que ha de barbear os freguezes; é elle sempre—phenomeno extranho!—quem tem mais pressa de acabar a tarefa!

Escusado será agora accrescentar que, apenas encarei com o barbeiro, saltei logo pela cama fóra e, vestido, como estava, de cabaia e calça moira, agarrei precipitadamente na toalha e fui humildemente sentar-me 'numa cadeira. Dois ou tres minutos depois, tinha as faces e os queixos limpos, *tant bien que mal.*

'Nesse dia, acompanhei o ministro na visita ao principe Devawongse, irmão do rei e encarregado da pasta dos extrangeiros.

E' um grande systema politico, este que segue o actual rei de Siam. Todas as pastas do ministerio estão em poder de parentes seus, collocados sob a sua dependencia absoluta. Um conselho de ministros acha-se reduzido aqui a um conselho de familia. E' mais simples e sobretudo mais commodo.

Quatro ministros apenas constituem o *Senabody*: o dos negocios extrangeiros, o da guerra, o da agricultura e o do Norte. Alem d'estes, ha o ministro dos correios e telegraphos, irmão do rei; o ministro da fazenda ou chefe do departamento do thesouro real, principe de sangue, a quem caberia o titulo de 2.º rei de Siam, se o actual 1.º rei não tivesse supprimido essa entidade anti-politica; um tribunal de 2.ª instancia, constituido de parentes do rei, sendo o proprio rei o supremo tribunal das suas justiças; um principe, especie de bispo e supremo chefe dos bonzos; dois principes inspectores, um das pontes e estradas, outro dos canaes e portos.

A quem possa admirar-se da profusão de principes que ha 'neste paiz, lembraremos apenas que a familia real de Siam se compõe actualmente dos seguintes membros. S. M. el-rei; um filho do 2.º rei da actual dynastia; dois filhos do 3.º; dois do 4.º, irmãos d'el-Rei e, como elle, filhos de princeza, e 24 filhos de não-princezas; 14 filhos do actual rei, dos quaes 5 de princeza e 9 de não-princeza. Ao todo, 44 principes apenas, não contando S. M. a rainha, que, como mulher, não tem nada que vêr com estas coisas, apesar de ser, alem de esposa, irmã d'el-Rei.

Como se vê, o facto é bastante complexo por este lado, mas é simplicissimo pelo lado da administração da riqueza publica. Já Luiz XIV pronunciou abertamente o principio escrupulosamente seguido pelos reis de Siam: *L'état c'est moi.*

Na occasião em que iamos para o ministerio, notei, com grande surpresa minha, um facto, que até ahi me passára despercebido. Os botões amarellos das fardas vermelhas dos cocheiros tinham a effigie da rainha Victoria, a sympathica effigie das

libras esterlinas. Convenci-me a muito custo de que me não illudiam os olhos. Que os siamezes admittam o inglez como lingua official nas suas relações com os extrangeiros, explica-se; que o rei de Siam faça envergar á sua guarda-real os uniformes da infanteria ingleza, comprehende-se; mas que o paço leve o seu amor pela Grã-Bretanha ao ponto de ornar as fardas dos seus cocheiros com botões tendo a effigie de S. M. Graciosa, é deveras espantoso!

Deus permitta e a França queira que esta paixão da côrte siameza pela Inglaterra não venha a ser fatal a este sympathico povo. O reino de Siam acha-se hoje rigorosamente encravado entre os vastos imperios orientaes, francez e inglez. O protectorado da França absorveu já o Annam, o Cambodge e o Tonkim e poz a poderosa republica europeia ás portas de Siam. A politica ingleza encorporou a Birmania á India e absorveu de facto, senão de direito, quasi toda a peninsula malaia. Para qualquer parte que se volte, o rei de Siam acha-se apertado no circulo de ferro, que lhe formam as duas grandes potencias rivaes; e só o facto da rivalidade poderá estorvar ou demorar a absorção d'este paiz. Que a Inglaterra porém consiga tornar-se indispensavel á existencia dos siamezes e o protectorado da Grã-Bretanha extender-se-á insensivelmente a Siam, como preludio da posse definitiva, sem que a França ou qualquer outra nação europeia possa, em bom direito, oppor-se a isso. O exemplo da Birmania é bem recente, para que o reino de Siam tenha podido esquecer-se d'elle.

Até ao primeiro terço d'este seculo era ainda a lingua portugueza a que o reino de Siam adoptava officialmente, nas suas relações com os extrangei-

ros. O tractado concluido com os Estados-Unidos em 1833, tinha, além das versões siameza e ingleza, uma em portuguez. Desde então e, sobretudo, desde que a Inglaterra logrou estabelecer um consulado em Bangkok, o prestigio do nome portuguez decresceu rapidamente e o tractado entre a Prussia e Siam tem, alem das versões allemã e siameza, uma terceira em inglez.

Ceci tuera cela.

III

As portas da cidade. As carruagens em Bangkok. Os soldados siamezes e a ordenança ingleza. Preparatorios de festa. As cremações. Visita ao principe Devawongse. Os portuguezes em Bangkok. O clima e as endemias. A poeira e as chuvas. Visita ao principe celestial. Visita do ministro dos extrangeiros ; os costumes nacionaes. Um templo siamez. Passeio fluvial. O *Prince-theatre* e a amabilidade siameza.

A pouco mais de uma milha do palacio dos embaixadores, encontram-se as portas da cidade fundada pelo 1.º rei da actual dynastia. Até então, fôra a Ayuthia capital de Siam ; mas no ultimo quartel do seculo passado, reduzida a cinzas a antiga capital, o fundador da 4.ª dynastia implantou a côrte em Bangkok. Mais tarde, era concedida aos portuguezes a feitoria, que ainda hoje possuem ; em volta da feitoria agruparam-se depois os consulados das outras nações ; e, como consequencia necessaria, todo o espaço comprehendido entre os consulados e as portas da cidade acha-se hoje povoado de habitações de europeus, indios, malaios, chinas e indigenas.

As portas da cidade, abertas na muralha que a envolve, são d'uma construcção elegante e vasta, talhadas em porticos, de que o central maicr que os lateraes. Pesadas portas de madeira, chapeadas de ferro e girando sobre gonzos, interceptam de noite a communicação das cidades de intra e extramuros.

As carruagens, que se encontram com frequencia em Bangkok, são pelo typo das de 2a. classe em Singapura, mas muito menos polidas e muito mais immundas. Os europeus, os principes e alguns nobres servem-se geralmente de caleches a dois cavallos, analogas ás que se encontram em Saigon e Singapura.

A larga e extensa via, que liga a cidade de extramuros com o palacio real, termina em uma vasta praça, que serve de parada ao quartel d'infanteria. E' alli que os soldados e recrutas, com os seus casacos de linhagem, calça azul, bonnet analogo ao dos artilheiros inglezes e pé descalço, executam ao som do tambor as manobras militares. Força é confessar que a uniformidade e precisão dos movimentos vão muito alem do que é dado esperar a quem vê isolados estes militares, de aspecto tão pouco marcial. Sobretudo, o obsoleto e velho *passo d'equilibrio*, que ainda hoje faz parte da ordenança britannica, vi-o eu executar com uma maestria e perfeição de alinhamentos, mais dignas de serem aproveitadas em manobras proveitosas, do que em peloticas militares, de que tão apaixados se mostram os nossos amigos inglezes.

Passado o largo e ao voltarmos para a rua que dá ingresso ao palacio real e aos edificios dos ministerios, démos de face com um largo, em que se procedia activamente a grandes preparativos para as festas solemnes da cremação de tres principes fallecidos no anno findo. Agudos minaretes, dourados e semeados de pequenos espelhos, em construcções feitas para a occasião, sobrepõem-se a um templo de estylo indiano, o qual eleva as suas cupulas ponteadas acima das outras construcções que o circumdam e em que predominam o vermelho e o amarello vivos, o dourado e as len-

tejoulas. O effeito geral é realmente deslumbrante. Para se fazer uma ideia approximada do que devem ser estas festas, basta saber-se que a verba destinada a custear as despezas excede 500:000 patacas. Bem empregado capital!

O systema da cremação está perfeitamente estabelecido em Siam. A inhumação de cadaveres só excepcionalmente é permittida em occasião de epidemia. Apenas aos cadaveres de criminosos executados pelas justiças d'el-Rei—e aqui é bem applicada esta designação—apenas aos cadaveres d'esses executados é negada a cremação e a sepultura; ficam pendidos 'num tronco, até que os corvos e aves de rapina tenham acabado de disputar entre si os restos do misero cadaver.

E' claro que o espaço decorrido entre o obito e a cremação, assim como as festas, que por esta occasião se fazem, dependem da posição e haveres do fallecido e da familia e que as cremações de membros da familia real são sempre imponentes. D'esta vez porém, as ceremonias excederão tudo de que ha memoria no paiz, porque se tracta da cremação de tres principes reaes, dois dos quaes filhos de rainha. Emfim, meio milhão de patacas é já, a meu ver, quantia sufficiente para festejos deslumbrantes.

Parou a carruagem á porta do edificio do ministerio dos negocios extrangeiros e fomos conduzidos pelo interprete e o governador de Paknam á presença do ministro siamez, o principe Devawongse Varoprakar. S. A. R. appareceu-nos vestido de preto, frac á europeia, calção e meia de seda á siameza, e sapato de fivella; vinha mascando betle e areca e com o melhor dos seus sorrisos e a amabilidade que o caracterisa, offereceu-nos cadeiras, mandou vir chá e encetou uma

conversação affavel, em que manifestou a sua gratidão pelo modo como fôra recebido e tratado em Macau, na sua viagem de regresso á Europa.

S. A. R. falla com toda a propriedade e correcção a lingua ingleza. Todos os que em Macau tiveram occasião de conversar com este principe viram e apreciaram a facilidade com que S. A. R. maneja a lingua de Byron e Shakespeare. Por outro lado, este principe sempre em Macau se apresentou correctissimamente vestido á europeia, fumando charuto e mostrando nos seus sorrisos uns dentes irreprehensivelmente brancos e polidos. Pois bem. Em Bangkok, o ministro dos negocios extrangeiros veste á siameza, o que é natural; masca betle e areca e tem os dentes negros, o que se explica pelo respeito aos costumes nacionaes; mas não falla com extrangeiros senão por meio d'interpretes; e não ha meio de arrancar-lhe directamente uma palavra de inglez, se o interprete estiver presente. Será premeditada e politica esta abstenção? E' de suppor que sim.

Ao fim de meia hora de conferencia, o ministro portuguez retirou-se com o secretario e o addido. O cavalheiro que servíra d'interprete de portuguez e siamez é o sr. Honorato de Sá, um dos mais dignos e intelligentes filhos de Macau, que, pela sua perseverança e pelo seu merito individual, conseguiu grangear a confiança e a sympathia do ministro.

Não é este o unico portuguez ao serviço de S. M. Magnifica, e pena é que os inglezes se tenham lembrado de concorrer com os filhos de Macau aos logares de funccionarios publicos d'este paiz. Ainda assim, acham-se ao serviço do governo siamez os portuguezes seguintes:

A. F. da Costa, amanuense no ministerio dos extrangeiros;

A. J. F. da Luz, idem;

A. de Souza, commandante do "Siam Supporter;"

B. P. Simões, interprete, *bureau* internacional;

F. M. Jesus, inspector da policia de Pak-nam;

Honorato de Sá, interprete no ministerio dos extrangeiros;

J. J. Arozo, amanuense do correio;

J. M. F. da Costa, inspector geral das alfandegas;

J. M. F. da Costa, Jr., *attaché* da legação siameza no Japão.

Todos estes funccionarios estão perfeitamente remunerados, vivendo com todo o conforto e gozando de uma saude inalteravel. Se alguns pensam em regressar a Macau, é que mais do que a ambição póde 'nelles a saudade da patria e da familia.

Bem hajam.

A noite de 7 de fevereiro passou-se no consulado portuguez, em familia. Conversou-se, tocou-se piano, fallou-se de Lisboa, do Porto, de Macau, de tudo, emfim, que de algum modo se associava á ideia da patria commum.

Foi 'nessa noite que tive a certeza de um facto, de cuja existencia comecei a suspeitar desde a minha chegada a Siam, mas que estava em frisante desaccordo com as informações que eu recebêra antes. E' que Bangkok, apezar da sua situação em e entre planicies inundadas frequentemente, ao fundo de um golfo, a 13° de latitude, com uma temperatura elevada e sem agua potavel, Bangkok, é, todavia, em que peze aos hygienistas e aos meus informadores, um clima salubre. Os europeus acclimam-se aqui perfeitamente; e aquelles com quem tive o prazer de fallar, incluindo o medico da real camara, um escossez muito

amavel, foram concordes todos em que este clima não merece de nenhum modo a má reputação que lhe crearam. As proprias creanças europeias, que, transportadas para a zona torrida, se definham mais ou menos lentamente, gozam aqui de uma saude perfeita e apresentam umas côres que de certo não desacreditam o clima. As duas filhinhas do nosso consul, galantes, alegres e saudaveis são uma viva prova d'esse facto.

E' certo que o cholera é endemico em Siam e que Bangkok não paga pequeno tributo annual ao terrivel flagello hindostanico. Não ha memoria, porém, de que morresse da epidemia um unico europeu. Aqui, como na India, como em Java, como em toda a parte onde os europeus podem viver e vivem de facto cercados de conforto e obedecendo aos preceitos da hygiene, o cholera respeita os individuos da raça branca, em quanto dizima povoações indigenas de um modo terrivel.

A' saida do consulado, por volta da meia noite, esperavam-nos as carruagens, que, entre nuvens de poeira, nos transportaram á nossa residencia.

Nunca vi em Bangkok uma rua em que não abundasse a poeira. Os effeitos do regador são aqui desconhecidos. Se a vegetação da cidade não está coberta de uma densa camada de pó, como a mobilia e o sobrado das casas, se as laryngites não abundam de um modo extraordinario entre os habitantes da cidade, é isso exclusivamente devido á frequencia e abundancia das chuvas durante a maior parte do anno. Infelizmente, a mim coube-me a sorte de visitar Bangkok durante a estação sêcca.

Pelas 11 horas da manhã seguinte, saiu o ministro com o addido em visita ao principe celestial, ministro dos correios e telegraphos. A's 4 horas da tarde recebia s. exa. a visita do ministro dos

negocios extrangeiros, que nem aqui pôz de parte a noz de areca e a apimentada folha de betle. Escusado será acrescentar que vinha acompanhado pelo interprete portuguez. Foi, como sempre, muito amavel o principe ; e uma das suas amabilidades foi mandar collocar umas roseiras em flor na varanda do andar nobre, onde á tarde o pessoal da legação e a familia do ministro se entregava ás delicias do ameno *cavaco.*

A' saída, quando acompanhei o principe até ao ultimo patamar, observei com surpreza um phenomeno curioso. Os siamezes que estavam no pateo, apenas avistaram o ministro siamez... pozeram-se de cocoras. E' muito curioso este costume nacional, que, infelizmente, vae desapparecendo, dia a dia. A' passagem de um principe ou do rei, o povo acocóra-se; e se tem de fallar-lhe, atira as mãos ao chão e elle ahi vae de gatas dirigir a palavra ao seu superior.

Que bello systema a inaugurar em Lisboa! obrigar os pretendentes a deitarem as mãos ao chão, para expôrem a sua pretenção ao ministro! Que allivio para os que teem o leme da governação!

Infelizmente, em Bangkok, como em Portugal, os costumes nacionaes tendem a desapparecer. O actual rei, graças de certo aos conselhos do ministro dos extrangeiros, supprimiu na côrte a velha formalidade da posição de cocoras e de gatas. Se o costume subsiste, é apenas em familia, *inter pocula ;* nas grandes recepções ou em presença de extrangeiros, falla-se de pé ao rei, como a qualquer outro nobre.

Ainda assim, os velhos principes e alguns ministros conservam-se intransigentes e manteem nas suas residencias inalteravel a velha praxe. Em casa do ministro da guerra, por exemplo, o chá para as visitas é trazido de gatas. Apenas asso-

ma á porta da sala, o criado deita a mão esquerda ao chão e marcha a tres pés, conservando a chavena na mão direita; apenas a entregou ao ministro ou á visita, atira com a outra mão ao chão e retira-se a quatro, recuando até á porta, onde se colloca de cocoras, esperando ordens.

Depois da visita do principe Devawongse, fomos visitar um templo siamez. Budhas de todos os tamanhos e feitios, verdes, azues, brancos, dourados, de pedra, de madeira, de metal, de barro, pejavam os adros e corredores do pagode. O mesmo em toda a parte. Não ha duas coisas mais similhantes entre si do que um templo budhista e outro templo budhista. O que encontrei de mais extraordinario e precioso no pagode que visitamos, foram as portas de entrada, grandes, massiças, pezadas, feitas de ebano, encrustadas de madreperola em toda a superficie, figurando passagens dos livros sagrados. E' realmente deslumbrante a perfeição do trabalho e difficilmente apreciavel o valor intrinseco do todo.

A' noite, passeio fluvial. Em duas remadas, saíamos do canal fronteiro ao palacio dos embaixadores e entravamos no Ménam, cujas aguas desciam com bastante velocidade, estorvando o rapido andamento do *sampan*, que nos conduzia.

E' devéras curioso, sobretudo durante a noite, o aspecto do rio de Bangkok, o Ménam Tchau-fia. As habitações indigenas destacando-se da margem e invadindo sobre estacaria o leito do rio; as casas fluctuantes, entermeando-se com as fixas, oscillando em altitude ao sabor da maré ou das inundações; os caes dos edificios do Estado ou dos palacios dos nobres cortando abruptamente a serie de barracas debruçadas sobre o Ménam; o todo, variamente illuminado a gaz, a petroleo, a azeite, a balões chinas ou japonezes, tem um cunho cara-

cterisco, especial, que não vi ainda em cidade alguma do Oriente e que justifica para Bangkok, á falta de melhor termo de comparação, o cognome que lhe dão alguns de Veneza oriental.

Ao fim de vinte minutos de marcha contra-maré, o ministro teve dó dos remadores e resolveu-se a desembarcar por alguns minutos, para regressarmos depois ao nosso canal, isto é, ao canal que banha o palacio da nossa residencia.

Favoreceu-nos o acaso. O caes era o do *Prince-theatre*, onde 'nessa noite havia espectaculo. Imagine-se a minha satisfação e, sobretudo, a minha curiosidade. Fui, mais apressado que ninguem, metter a cabeça pela porta da plateia, perguntando ao mesmo tempo quanto custava o bilhete de admissão.

Aqui foi a minha desgraça. O porteiro deixou-me só, e, lançando de passagem os olhos para os meus companheiros, foi avisar da nossa presença alli o dono do theatro. A porta que eu desejava transpôr foi hermeticamente fechada e um homem encostado a ella teve ordem de me não deixar entrar. Ao fim de bons dez minutos, appareceu o porteiro com um recado muito amavel do proprietario, que sentia não estar prevenido para receber condignamente o ministro portuguez e por isso pedia lhe fosse desculpado o não nos admittir, porque desejava e tencionava offerecer a s. exa. uma récita especial! Todo e qualquer extrangeiro tem entrada livre nos theatros de Bangkok, onde, á maneira do que succede nos autos chinas de Macau, o europeu não paga a admissão. Nós tivemos de addiar a visita ao theatro e de perder a occasião de apreciarmos a feição typica, original, de uma récita ordinaria.

Pouco depois de regressarmos do nosso passeio, o ceu rompeu-se em cataractas, chovendo a potes, durante o resto da noite e da madrugada.

IV

As chuvas e a manga. A audiencia real. O palacio de S. M. Magnifica. O hymno do visconde de S. Januario e o hymno nacional portuguez. A recepção. Vão-se os costumes! O exercito e a marinha de guerra. Mais visitas. O passeio público. O theatro, a musica e a dança indigenas. Um entrecho complicado. Impressões do espectaculo.

E' tradicional em Bangkok um dia de chuva no mez de fevereiro. Sabe-se por experiencia que os aguaceiros não duram além de um ou dois dias e que depois, no resto do mez, o tempo se conserva sêcco e o ceu limpo. Julgam os siamezes providencial esta chuva, por indispensavel á maturação da manga. E de facto, em seguida aos aguaceiros, a quéda das petalas descobre o apreciado fructo, do tamanho já de uma pequena ameixa.

A's 4 horas e meia da tarde de 9, saíamos, sob uma chuva torrencial, para a audiencia concedida por S. M. Magnifica ao ministro portuguez. Uma das carruagens conduzia s. exa. e o secretario da legação; outra, o addido e o filho do ministro; na terceira, iam o interprete portuguez e o official siamez, governador de Paknam, marquez (Phya) Smud Buranurakse, membro do Conselho Privado e inspector geral das alfandegas do arroz. Este nobre titular achava-se, por ordem superior, ao serviço do ministro portuguez, desde que no dia da nossa chegada fôra, em nome do principe De-

vawongse, ao consulado portuguez offerecer a s. exa. as carruagens e a residencia no palacio dos embaixadores.

O palacio real é um bello edificio, de architectura moderna e elegante, recebendo o caracter oriental apenas das agudas cupulas que o terminam e que são o remate quasi forçado de todos os palacios e templos siamezes. Um vasto jardim, illuminado de noite a Jablokoffs, precede o edificio, de cuja vastidão se póde talvez ajuizar pelo conhecimento de que cada um dos tres andares de que se compõe, conta na fachada principal 25 portas e janellas, elevadas, largas e convenientemente distanciadas.

A' entrada do ministro portuguez com a comitiva no jardim que precede o palacio real, e a cujo portão nos haviamos apeado apezar da chuva que nos alagava as malfadadas fardas, a guarda de honra apresentou armas, emquanto a banda executava o hymno . . . do visconde de S. Januario.

Precisa explicação este facto, apparentemente extraordinario.

Os governadores de Macau, como todos os governadores das nossas provincias ultramarinas, são recebidos, na occasião do seu desembarque e posse, com uma guarda de honra, cuja banda executa uma marcha ou coisa que o valha, composição mais ou menos original do mestre da musica e dedicada ao recem-chegado, sob o titulo de hymno de s. exa. o governador; e força é confessar que, se os governos quasi sempre differem, os hymnos muitas vezes se parecem.

O visconde de S. Januario, como os seus predecessores e successores no governo de Macau, teve tambem um hymno seu. Quando s. exa. foi, na sua qualidade de ministro, visitar a capital de

Siam e apresentar as suas credenciaes a S. M. Magnifica, teve a agradavel surpreza de ouvir a banda da guarda-real tocar o hymno do governador de Macau. Os governadores e ministros mudaram depois; o hymno ficou sempre o mesmo.

Devo confessar que, pouco forte em hymnologia, suppuz a principio que este fosse o hymno siamez, que eu não ouvíra ainda. Tirou-me, porém, as dúvidas o nobre inspector das alfandegas do arroz, que entrára comnosco e que me segredou ao ouvido, como explicação, realmente indispensavel:

—Este é o hymno portuguez...

E' difficil de imaginar a minha surpreza, o meu espanto. A tanto não chega a minha ignorancia; os hymnos portuguezes, ao menos, conheço-os bem. Livrou-me do protesto o interprete que nos acompanhava e que a seu turno explicou:

—Desde que aqui esteve o visconde de S. Januario, este hymno ficou considerado como hymno nacional portuguez.

Comprehendi então. O que me parecêra um mysterio, era um simples *qui-pro-quo*. E' inutil accrescentar que hoje o mestre da banda de marinheiros tem já em seu poder uma cópia do hymno da Carta. Veremos se para o futuro contiNúa a confusão, injustificavel agora.

No atrio do andar nobre, esperavam o ministro portuguez varios fidalgos, entre os quaes o principe Devawongse, que ia servir de introductor de s. exa. e da comitiva. A cada um de nós foram offerecidas poltronas, uma chavena de chá, sem assuçar, e um livro para a inscripção de assignaturas, acompanhadas da qualidade e data do nascimento do individuo.

Feita a inscripção, veio um camarista annunciar que S. M. estava visivel. Atravessamos, por entre as filas de nobres e grandes do reino, o vasto

salão que precede a sala das recepções. Alli esperava de pé S. M., que ouviu com attenção o discurso do ministro e que lhe respondeu em termos affaveis e lisongeiros.

Depois de algumas perguntas e amabilidades de el-rei, que agradeceu ao ministro o modo como foi recebido e tractado em Macau o principe Devawongse, deu S. M. por finda a audiencia, retirando o pessoal da legação, com as tres mesuras do estylo.

Foi debalde que os cantos dos meus olhos percorreram 'nessa occasião os recantos da sala grande. Nem um só principe de cocoras nem um só nobre de mãos no chão! Como os tempos mudaram!

S. M. Magnifica vestía o uniforme de general, com a gran-cruz da Corôa de Siam e várias condecorações ao peito. Os principes e nobres trajavam todos de grande uniforme, casaco, calção e meia de seda e sapato de fivela. No peito de alguns brilhavam commendas e habitos extrangeiros e em todos insignias das Ordens nacionaes do Elephante branco ou da Coróa de Siam.

Só á saida do palacio reparei que, além da guarda de honra de infanteria, havia tambem uma bateria de artilheria com 4 peças de montanha e uma força da guarda-real, commandada por um subalterno. Por pouco se achavam representadas todas as armas do exercito siamez, se é que não estava alli . . . a maior parte d'elle.

Effectivamente o exercito de S. M. Magnifica é composto dos corpos seguintes:

Guarda-real: 1 esquadrão de cavallaria, 2 batalhões de infanteria, 1 companhia de sapadores e artifices.

Exercito do reino: 1 batalhão de artilheria, 1 esquadrão de cavallaria, 3 batalhões de infanteria.

Marinha da guerra: 9 *yachts* e 4 lanchas a vapor, pertencentes ao rei, e 7 navios do Estado. O "Vesatri", *yacht* real, é o unico tripulado e artilhado convenientemente. A lotação é talvez de 60 homens, mas só a banda conta mais de 30. O commandante, capitão Richelieu, é um dinamarquez que é tambem o commandante geral das forças navaes de Siam. Os outros *yachts* e navios de guerra teem um maximo de 6 homens de guarnição cada um. O maior vaso de guerra é de 820 toneladas e commandado por um portuguez. A guarnição nominal da esquadra siameza é de 1 regimento de artilheria e 4 batalhões de infanteria de marinha. Na guarnição effectiva difficilmente se apurarão 200 homens.

Para enumerar todas as forças do exercito siamez, falta citar ainda uma companhia de tropas dos Reaes Elephantes, sob o commando de 1 major, com 1 capitão e 2 subalternos.

Não devem arruinar-se o rei nem o Estado com a manutenção de um exercito e uma esquadra de tal força. Tanto mais que se tracta de um reino em que nos festejos da cremação de tres principes se gasta meio milhão de dollars.

Na tarde de 10, emquanto o ministro, acompanhado do addido, visitava tres principes e um nobre siamezes, ia o secretario comprimentar os *chargés d'affaires* de Inglaterra e França.

No dia 11, de manhã, dirigimo'-nos ao *atelier* de um artista, que se intitula photographo da casa real. Iamos retratar-nos em grupo, todo o pessoal da legação e familia do ministro. Foi inutil o passeio, porque o photographo, ausente da cidade, só voltava no dia seguinte.

'Nesse mesmo dia, recebeu s. exa. as visitas dos consules geraes de França e Inglaterra e do bispo catholico francez. A's 5 horas da tarde dirigimo'-

nos em passeio aos jardins reaes, annexos ao antigo edificio do ministerio dos extrangeiros e ao quartel de infanteria.

Posto que os jardins não sejam franqueados ao publico senão uma vez por semana, e o dia 11 não devesse ser um d'esses dias, el-rei, sabendo que o ministro tencionava visitar o jardim, mandára abrir-nos as portas, ordenára que a banda dos marinheiros tocasse no corêto, emquanto durasse o passeio do ministro e dispozera que nos proprios jardins nos fossem servidos refrescos.

Percorremos a avenida principal, ladeada de grupos de pujantes bambús, entrelaçando as extremidades dos colmos de um ao outro lado da avenida, formando uma abobada deliciosa de frescura. Por entre os grupos de bambús viam-se primorosas estatuetas de gêsso, assentes em elegantes peanhas, representando varios costumes historicos. Visitamos a estufa, rica de orchideas e fetos: passamos em frente dos veados, que nos olhavam docemente, com aquella expressão de tristeza que caracterisa o olhar da maior parte dos ruminantes; vimos o taboleiro do *lawn-tennis*, onde costumam jogar os nobres siamezes; sentamo'-nos, finalmente, proximo do corêto, ouvindo uma valsa de Strauss e tomando os refrescos, que tão amavelmente nos haviam sido offerecidos.

A' noite, por volta das 8 horas, dirigimo'-nos ao theatro, cuja entrada nos fôra vedada dias antes. D'esta vez iamos a convite do proprietario e acompanhava-nos o consul portuguez e sua elegante esposa. Guiava-nos o nobre governador de Paknam.

'Neste passeio, foi o *sampan*, com grande pezar meu, substituido pela carruagem. Decididamente, os meus bronchios dão-se melhor com a humidade do Ménam, do que com a poeira de Bangkok.

Esperava-nos á porta do atrio do edificio um grupo de criados indigenas, armados de candieiros de petroleo. Embora curta a distancia até ao theatro propriamente dito, foi ainda assim bastante para se apagarem e accenderem alternativamente os candieiros todos. E não havia mais que uma leve aragem.

Subimos umas escadas sobrepostas á entrada da plateia. No patamar superior esperava-nos o filho do dono do theatro, um alferes desempenado, com o seu casaco branco e calção violeta, do uniforme, pedindo desculpa da não comparencia de seu pae, a quem a idade e o estado de saude vedavam a folia de uma noite perdida.

No camarote central entraram o ministro, o consul e as respectivas esposas. Eu e os meus companheiros viemos sentar-nos em cadeiras da galeria fronteira á orchestra. Ao nosso lado sentaram-se o galante alferes, o governador de Paknam e o nosso inseparavel interprete.

A sala do espetaculo é quadrada. Mais de cem candeeiros de petroleo illuminam vivamente o recinto. Da parede fronteira ao camarote central e pouco acima do nivel do sólo, destaca-se o palco, uma superficie rectangular, ladeada de candeeiros. A' direita do palco, a orchestra e cantores; á esquerda, uma galeria em degraus, como as dos circos de cavallos; sobre ella, mantida por columnas de madeira, uma galeria plana, especie de plateia, com cadeiras. Tres camarotes occupam a parede fronteira ao palco, tendo sobposta outra galeria, como a do lado esquerdo.

Os dois camarotes lateraes eram occupados por alguns indigenas, talvez parentes do proprietario. Em baixo, nas galerias, avultavam as togas amarellas dos bonzos e as côres vivas dos trajes de gala de alguns espectadores.

Começou o espectaculo, logo que o ministro occupou o camarote que lhe fôra reservado.

Ao som de uma toada plangente e suave, executada 'numa especie de marimba malaia, entraram em scena pelas duas portas do fundo do palco, duas filas de seis raparigas, ricamente vestidas de seda e setim, com côres variegadas, brilhantes de lentejoulas. Na cabeça traziam todas uns barretes pyramidaes-conicos, á *pierrot*, dourados e cobertos de vidrilhos, imitando a corôa de Siam, crivada de pedras preciosas. As seis figurantes da fila direita usavam meia côr de carne, sem mais calçado; as da fila esquerda tinham pernas e pés completamente nús. Entraram em filas singelas, executando movimentos e passos de dança, homogeneos para cada fila. De quando em quando, espalmavam as mãos e lentamente flectiam os dedos para traz até quasi tocarem com elles na face dorsal.

Explicaram-me que este movimento anomalo se conseguia, habituando desde a infancia as futuras bailarinas á retracção progressiva dos tendões dos extensores, até os transformar em flexores dorsaes. Que mina para prestidigitadores e ... ratoneiros!

O andamento da melodia, começado em *larghetto*, foi-se apressando a pouco e pouco e outros instrumentos vieram juntar-se á maviosa marimba, prejudicando-lhe a meu ver a belleza do effeito, mas com grande gaudio do espectador indigena.

Meia hora decorreu 'nesta semsaboria de movimentos coreographicos, em que as figurantes faziam mesuras reciprocas aos espectadores. Quando eu começava a convencer-me de que o espectaculo não passaria d'alli, entra pela porta do fundo esquerdo uma bailarina de pé descalço, mais luxuosamente vestida que as outras e dando-se ares de artista *di primo cartello*.

A entrada d'ella foi annunciada por um *charivari* na orchestra. Pancadas violentas de *tantan*, vaquetas batendo-se furiosas, clarinetes guinchando affrontosamente, e a marimba, a deliciosa marimba, completamente suffocada 'naquelle meio infernal.

Felizmente, durou pouco, por aquella vez. Apresentada a bailarina, começou na orchestra a explicação do enredo da peça.

Uma voz a sólo, que a principio tomei por um fagotto, cantou que o principe dos anjos masculinos vinha alli narrar aos seus companheiros de trabalhos (as seis bailarinas descalças) a historia das suas desgraças e pedir ás chefes subalternas dos anjos femininos (as seis bailarinas de meias) que empregassem a sua benefica influencia para destruirem a causa do seu mal.

A isto responderam as 12 bailarinas com uns esgares extraordinarios e um flectir de mãos ao avesso e uns movimentos de pernas animados, emquanto, na orchestra, um côro de vozes naturaes, sem falsete, perguntava ao chefe dos anjos masculinos qual o movel dos seus pezares.

Travado o dialogo, foi um nunca acabar. O anjo grande contava, pela bocca da tal que lembrava um fagotto; os anjos sub-chefes interrompiam-no pedindo esclarecimentos por intermedio do côro cantando na orchestra. Em scena apenas se dançava.

Em resumo, o anjo masculino queixava-se de que se sentia apaixonado pela sua collega feminina, a quem elle expozera a intensidade da chamma que o devorava, recebendo em troca um indifferentismo d'aquelles, que só se encontram nos anjos femininos cá da terra. Depois de expostas varias dúvidas, os seis chefes masculinos e os seis

femininos resolvem empregar a sua influencia no deferimento da pretenção do seu superior, que desejava ser correspondido nos seus amores.

Levou bem outra meia hora a convencer os anjos subalternos. Vê-se que no céu dos siamezes é um pouco trabalhosa a compra de votos.

Novo *charivari* na orchestra, d'esta vez maior que o precedente. Entra pela porta da direita ao fundo a princeza dos anjos, que, seja dito de passagem, era bem mais feia do que o principe apaixonado a favor d'ella. Novos cumprimentos, sólos, duettos, córos, marimba de vez em quando, *charivari* mais frequente, dansas monotonas ou desordenadas e a princeza dos anjos femininos rebelde a todos os argumentos do principe dos masculinos e dos seus doze advogados presentes. Sobre ingrata, cabeçuda.

Felizmente, ou antes, infelizmente, pelas 11 horas da noite, surge em scena um personagem tetrico, horrivel, assombroso. Veste armadura de guerreiro, tem a cara verde, usa ornamentos mephistophelicos na cabeça, revira os olhos de papelão e abre uma bocca descommunal. Na orchestra ninguem se entende. Os córos pararam, a voz *affagotada* sumiu-se; predomina o *tan-tan*, auxiliado pelas vaquetas, produzindo um cahos infrene. Em scena ouvem-se gritos de susto feminino; anjos masculinos e femininos gritam por egual em face do anjo-demonio, do anjo neutro ou commum-de-dois.

A coisa explica-se. Cheirou-lhe ou constou-lhe, ao chefe dos demonios, que havia dissidencias no paraiso. Pôz-se álerta e aproveitou a occasião propicia. Como bom politico, achou-se na altura precisa entre os partidos dissidentes, farejando boa pesca nas aguas turvas. Esfomeado, tendo por destino comer creaturas humanas, de preferencia

mulheres, imagine-se como lhe sorriria o estomago á ideia de comer um anjo feminino—e então um anjo princeza, um anjo de sangue azul!

Mas ...—porque no céu e no inferno, como na terra, tambem ha *mas*—o plano peccava pela base, o que succede muitas vezes na politica internacional d'este mundo. O anjo verde não previra a hypothese de os anjos celestes esquecerem as suas dissidencias e unirem-se, como um só homem, em face do inimigo commum. E ahi começa uma lucta desegual, de quatorze contra um, lucta permanente, constante, infrene, acirrada por uma musica extraordinariamente descriptiva, lucta em que a principal victima fui eu, que retirei para casa com uma dôr de cabeça, como poucas vezes se encontra na vasta historia dos meus padecimentos.

Não sei, a final, quem ficou vencedor; mas aquillo não promettia acabar bem. Lembro-me apenas de que na manhã do dia 12 acordei estirado na minha cama, alagado em suor e aos pontapés ao espaço. Foi pesadello com certeza, porque ainda tinha nos ouvidos uns restos de musica siameza.

Suavissima impressão, que não me cansarei de aconselhar áquelles dos meus leitores que tencionarem visitar Bangkok!

V

As propriedades d'el-rei. Uma esmeralda colossal. As joias do museu. A instrucção da aristocracia. Subditos e *protegés*. Commoções inoffensivas. Um jantar de cerimonia. Bellini, Verdi e Strauss em Siam. A photographia e o *atelier*. As festas da cremação. Desfilar do cortejo; o pavilhão real; o recinto das festas. O lucto real. Fogos d'artificios. A procissão das lanternas.

O dia 12, de manhã, foi empregado em visitar o templo real, o museu real, a escola real e os elephantes reaes. Tudo o que em Bangkok é digno de ser visitado por extrangeiros pertence ao rei. O viajante em Siam não observa um pequeno estado, analysa uma grande propriedade.

O templo real é principalmente notavel e conhecido pelo budha que occupa o coruchen do altar-mór. Este budha, cuja acquisição se perde na bruma dos tempos prehistoricos do paiz, é formado de uma só esmeralda, medindo cerca de tres palmos de altura sobre dois de largura. O valor d'esta peça é actualmente inestimavel e torna-a digna de figurar entre as mais preciosas raridades do museu de Londres. Que os siamezes continuem a conservar em seu poder o verde budha, que será isso bom signal.

As portas do templo são no mesmo genero das do outro por mim visitado anteriormente e de que já fallei. Os embutidos de madreperola desenham ornatos geometricos e não paysagens allegoricas, como nas do outro pagode.

Alem do budha d'esmeralda e das portas marchetadas, ha no pagode real outros objectos de grande valor intrinseco. Pequenos budhas e outras figuras de oiro e prata massiços, ramos de flores artificiaes, em que brilham varias pedras preciosas, primorosas taças de valor inestimavel, uma riqueza morta, colossal, destinada ás cerimonias do culto do idolo esmeraldino.

O museu real é tambem digno de ser visitado. Não é muito vasto, mas contém preciosidades notaveis, sobretudo nas secções mineralogica e artistica. Ha alli um cofre d'oiro, medindo mais de um decimetro de comprimento, cravejado artisticamente de esmeraldas, rubis, saphiras e amethystas. Aos lados do cofre estão duas jarras do mesmo estylo e valor intrinseco e artistico. Nas vitrinas da secção mineralogica avultam, entre innumeras pedras preciosas, os rubis affogueados de Ceylão, os pallidos da Birmania e os sanguineos de Siam. As saphiras azues-negras, os topazios amarellos-claros, os diamantes refulgentes, as esmeraldas riscadas no interior e varias outras pedras preciosas, accumulam-se alli de um modo brutal, capaz de endoidecer a Margarida do Fausto. Se algumas das minhas leitoras fôr um dia a Bangkok peço-lhe que não visite o museu; receio que d'alli traga uma impressão desagradavel.

A secção scientifica do museu está ainda muito rudimentar. A historia natural sobretudo, abstraindo da mineralogia, acha-se reduzida a alguns fructos conservados em alcool, e umas pobres collecções de insectos e molluscos, e alguns peixes, aves mal empalhadas e mammiferos poucos e communs.

A secção da arte da guerra está representada por alguns modelos de metralhadoras, de baterias de couraçados e armas europeias e asiaticas.

A ceramica nacional constitue uma secção de bastante valor, hoje sobretudo que em Siam se importa a loiça da Europa e da China e que a producção do paiz perdeu completamente o typo nacional para imitar servilmente a loiça ordinaria europeia e chineza.

As outras secções do museu nem valem mencionar-se, tão rudimentar é o seu estado. Mas basta decerto a collecção de pedras preciosas para que seja compensada a pena de ser visitado . . . por homens.

A escola real é de fundação recente. O edificio é vasto, embora pouco elegante; as salas são espaçosas, arejadas e illuminadas com profusão; a mobilia é proporcionada ás condições dos alumnos; os modelos d'estudo são geralmente pobres, obsoletos, sem valor e muitos sem verdade. O collegio é frequentado somente por principes e nobres. Apezar da restricção, o numero d'alumnos sobe a 800. Ensina-se alli a instrucção elementar, uns rudimentos de geographia, uns principios d'historia natural e uma lingua europeia. Todos os meus leitores comprehenderam que me refiro ao inglez.

A' volta do passeio, cerca do meio dia, esperavam o ministro portuguez, no atrio do palacio, 36 chinas, de longa cabaia azul ou branca e de extenso rabicho ao longo das costas. Fez-me saudades de Macau, aquillo; parecia-me que de subito me via transportado ao palacio das repartições publicas, em dia de arrematação de *fantan* ou *vaeseng*; e esperava a cada momento ver aquelles 36 chinas dividirem-se por grupos, ao annuncio de estar aberta a licitação.

Afinal, os chinas, apenas nos viram, em vez de se dividirem em agrupamentos, condensaram-se em columna cerrada e avançaram sobre o minis-

tro, que os recebeu no salão do andar inferior. Iam alli aquelles chinas, como delegados da communidade chineza *protegée* da nossa bandeira, comprimentar s. exa. e desejar-lhe mil prosperidades. O pretexto fôra o dia d'anno novo china.

Sobe a mais de cem individuos a communidade chineza de Bangkong sob o protectorado da bandeira portugueza. Como não teem alli consul do seu paiz, os chinas veem-se forçados a acolher-se á protecção dos consulados, para poderem gozar das prerogativas concedidas pelos tratados e que dos subditos d'uma nação se tornam extensivos aos seus *protegés*.

Tem dado logar a muitos abusos e a muitas reclamações esta disposição. Nunca um subdito portuguez reclamou ou originou reclamações do governo siamez. Todas as questões, antigas ou actuaes, entre a auctoridade local e o consulado portuguez teem por origem o procedimento de um ou outro china, devida ou indevidamente *protegé*.

E' tempo já de acabar de vez com uma praxe que serve apenas para prejudicar o governo local, em proveito exclusivo de meia duzia de párias, que exploram a situação e que se julgam talvez quites por um comprimento em dia do anno novo. Que os chinas oriundos de Macau, desde que essa condição se verifique rigorosamente, gozem dos privilegios concedidos aos filhos de Portugal e suas colonias; mas que, d'uma vez para sempre, se rompa com os abusos innumeros a que tem dado logar, umas vezes, a facilidade com que em Macau se teem obtido os documentos de procedencia, outras, o pouco escrupulo, se não a venalidade, dos encarregados do consulado portuguez em Bangkok.

Na manhã de 13 dirigimo'-nos ao *atelier* do photographo, previamente avisado para não sair á hora annunciada para tirar retratos. Os *clichés* ficaram esplendidos, no dizer do artista; a difficuldade estaria em escolher entre os dois *clichés*. Pedimos que no dia seguinte nos fosse enviada a prova positiva e regressamos ao palacio, depois de um curto passeio.

A' noite fomos jantar com o principe Devawongse. No caminho para o palacio, desbocaram-se na paragem d'uma ponte os cavallos da primeira carruagem, em que iam o ministro portuguez e sua esposa. Custa-me ainda hoje a perceber como se fez tudo aquillo. Os cavallos galgaram ambos as guardas da ponte, já passado o rio; e ficaram pendurados pelo pescoço, até conseguirem assentar no solo, alem do muro, as patas posteriores. O ministro e sua esposa cairam socegadamente pela portinhola; o cocheiro não foi cuspido da almofada; a lança do carro não se partiu: apenas um candeeiro da ponte, batido pela carruagem, voou em estilhas. Os proprios cavallos, um momento suspensos e depois mal apoiados sobre os membros posteriores, nem sequer fracturaram uma perna. Foi prodigioso tudo isto. Dir-se-ia uma commoção proporcionada expressamente, á força de ensaios e cuidado!

Momentos depois appareceu outra carruagem em que entraram ss. exas.; e em poucos minutos apeavamo'-nos á porta do palacio do ministro dos negocios extrangeiros.

O jantar foi de 22 talheres. Os convivas eram 7 principes siamezes, entre os quaes um que esteve ultimamente em Lisboa, como representante de Siam no congresso postal internacional; o ministro portuguez, sua esposa, seu filho, o secretario e o addido da legação, o consul portuguez e sua es-

posa, tres inglezes, um dos quaes medico do rei, o outro director das obras publicas e o terceiro advogado da casa real (!) ; tres portuguezes ao serviço de Siam, o inspector das alfandegas siamezas, Fidelis da Costa, e os interpetes Sá e Jesus ; e finalmente o governador de Paknam e seu filho. Ao todo, 9 siamezes, 3 inglezes e 10 portuguezes.

Durante o jantar, a banda de marinheiros executou um *pot-pourri* da *Norma*, outro da *Traviata*, o *Danube* de Strauss e varias outras peças de musica. Depois do café, emquanto as senhoras conversavam com alguns cavalheiros, jogou-se o xadrez e o whist, até ás 11 e meia, hora a que os convidados se retiraram.

O palacio do principe Devawongse é vasto, e elegante e construido segundo os preceitos da architectura moderna. Afinal, póde, sem grande arrojo dizer-se o mesmo de todas as residencias dos innumeros principes de Siam. Se lhe tirarem os palacios do estado e da familia real e as residencias dos extrangeiros, Bangkok reduz-se a uma infinidade de palhoças pobres, miseraveis, immundas, mais ou menos alinhadas ao longo das margens do Ménam e nos bordos das estradas da cidade. Consequencias fataes do regimen autocratico. Os collossaes imperios da Russia e da China soffrem do mesmo mal que o pequeno estado siamez.

A manhã do dia seguinte decorreu sem novidade. A' tarde porem esperava-nos uma extraordinaria surpreza. O photographo veio em pessoa trazer a maravilhosa prova dos admiraveis *clichés*. E juntamente, como por acaso, trazia tambem a machina para nos photographar ao ar livre, no caso de nos não agradar o resultado obtido. O que sobretudo me surprehendeu foi a declaração re-

donda de que os retratos ao ar livre ficavam muito melhores do que tirados no *atelier!* Isto é que só em Bangkok eu poderia aprender.

Accedemos, é claro, e d'esta vez houvemos por conveniente finalisar as experiencias, tanto mais que o resultado não era excessivamente mau. D'onde se conclue que ou o ar livre de Bangkok possue especiaes condições opticas ou o *atelier* do artista é mais proprio para fabricar botas do que que photographias.

Apenas saiu o photographo, seguido da machina, sobraçada por um indigena, precipitamo'-nos nas carruagens e seguimos para o local das festas da cremação, que começavam 'nesse dia.

Havia no recinto das festas um pavilhão destinado aos europeus. Vimos d'alli desfilar a procissão na seguinte ordem. A' frente, a banda da guarda-real, seguida de uma força de infanteria em alas; depois um palanquim, conduzindo o rei, de fato preto e chapeu baixo. Aos pés do soberano, tres principes reaes, filhos de princeza. Seguiam-se extensas filas de indigenas em costumes variados, uniformes apenas no barrete conico *á pierrot*, que todos levavam na cabeça. Cada um tinha aos hombros uma extensa lança, terminada por um estandarte triangular, variamente colorido com legendas e um dragão no campo do estandarte, mais proprio de chinas que de siamezes. No campo aberto pelas duas filas marchavam os musicos, tocando varios instrumentos, dos quaes o mais curioso era uma especie de marimba, conduzida por quatro cules, a pau e corda, com o tocador cingido pelo instrumento, de modo a verem-se-lhe apenas a extremidade das pernas, a parte superior do tronco, os braços e a cabeça.

Sempre ladeados de duas filas de bandeiras, seguiam-se aos musicos varios andores, levando su-

jeitos de cocoras, em posições de verdadeiro equilibrio instavel. Creanças, adultos, velhos, havia de tudo sobre os andores. Seguiam-se-lhes as urnas sagradas, contendo os restos destinados á cremação. Eram tres, as duas maiores proximamente eguaes. A' passagem das urnas, todo o povo espectador se poz de cocoras e alguns, mais religiosos ou mais fanaticos, atiraram com as mãos ao chão. Os extrangeiros, no pavilhão, gozavam, affectando um ar de serena indifferença ou de concentrada attenção, que vale o mesmo, o extraordinario conjunto da festa, á passagem das urnas. Do outro lado da estrada, sobre a planicie, erguiam-se uns como mastros de *cocagne*, em cujas extremidades superiores se executavam assombrosas peloticas e attitudes de consummados gymnastas. No cimo de elevadas columnas tetraedricas de bambú, moviam-se freneticamente bandeiras multicolores, agitadas por mão invisivel. Bombas estrugiam nos ares; soldados prostravam-se, prostrando as armas, em adoração. Um espectaculo unico, tão sublime que chegava quasi a ser ridiculo.

Dar uma ideia das riquezas das urnas não serei quem o tente. Eram de oiro, encrustadas de pedras preciosas e de capacidade bastante para conterem um cadaver cada uma. O resto vê-se; não se descreve nem se imagina.

A meio recinto das festas, erguia-se o pavilhão real ou antes o modelo, em bambú e outras madeiras, do palacio do rei. As dimensões, as divisorias, o numero de janellas e degraus eram precisamente os mesmos do paço, mas o todo era exteriormente forrado a folha d'oiro, o que lhe dava um aspecto extraordinario de palacio de fadas. Ao lado do palacio, o templo, da mesma construcção, precedido de uma escadaria immensa e larga, toda doirada. As urnas foram recolhidas 'neste tem-

plo, cuja entrada era permittida apenas ao rei, aos principes, aos ministros, aos bonzos e ás pessoas de serviço. Era alli que a familia real fazia as suas orações pelos finados, até se effectuar a cremação, para que estavam já levantadas as pyras no interior do templo.

O espaço comprehendido entre o palacio da cremação e os pavilhões, que orlavam a estrada, era occupado por jardins artificiaes, alli postos expressamente para a occasião, feitos de arvores arrancadas de outros pontos e transplantadas sem cuidado algum; de torrões cobertos de relva; de covas cheias de agua não muito crystallina, imitando pequenos lagos; de *chalets* deliciosos, semeados aqui e alem; de pequenos pontos sobre os lagos; de ruas, cobertas de esteira de bambú ou róta; o todo illuminado de noite a luz electrica, imprimindo ao conjunto um tom sobrenatural e deslumbrante.

Cá fóra, na estrada, havia festa do povo. Auto china e auto siamez, em barracões, orlando a rua. Illuminações, fogos d'artificio, musica, borborinho, um arraial perfeito, como ainda hoje se encontram alguns no norte de Portugal. Do pavilhão dos europeus, annexo ao pavilhão dos nobres, gozava-se toda a festa pública.

Ao lado do pavilhão dos europeus havia um largo recinto, precedendo o pavilhão da familia real. Todo o recinto era ladeado por soldados da marinha e infanteria, em varias posições, ao arbitrio de cada um; mas a maior parte de pé ou de cocoras. E' claro que, fosse qual fosse a posição, não deixavam elles de ser sentinellas; e, sentados ou acocorados, a dextra não largava a espingarda. Os officiaes passeavam na estrada, fóra do recinto ou cavaqueavam no pavilhão dos nobres.

Pouco depois de anoitecer e de se accenderem as illuminações, entrou o rei no pavilhão real, acompanhado de um rancho de principes. Quando o rei appareceu na tribuna, as tropas que estavam de cocoras puzeram-se de pé, todos os soldados se perfilaram, apresentando armas, os officiaes occuparam os seus postos na fileira e a banda real executou o hymno siamez.

Acabado o hymno, sentou-se o rei, os principes debruçaram-se no parapeito da tribuna, os ministros e nobres voltaram a occupar os seus bancos, os officiaes largaram a fileira e os soldados voltaram ás primitivas posições.

A tribuna real estava ás escuras, o que a fazia destacar tristemente d'entre as brilhantes illuminações que a circumdavam. Era a nota luctuosa official d'aquella festa do povo.

Por volta das 7 horas, dois homens approximaram-se do pavilhão real, conduzindo um grosso fio, preso a uma especie de tripeça. Pousaram o apparelho em face da tribuna, emquanto um dos ministros se erguia e entregava a el-rei uma vara, terminada por uma esponja de luz, analoga á com que se accendem os lustres dos theatros. O rei approximou do fio a esponja ardente, e o fogo seguiu ao longo do extenso rastilho a communicar-se ao mesmo tempo a todas as arvores de fogo. O effeito do conjunto era fantastico e deslumbrante. Milhares de luzes pallidas e offuscantes brilharam de subito, imprimindo a todos os espectadores e a todos os objectos uma côr uniforme, extranha. Das columnas fronteiras irradiou a luz electrica; e todo o vasto recinto das festas da cremação, com os seus pavilhões, o palacio, o templo, os *chalets*, os jardins, se revestiu por momentos de um aspecto magico, indescriptivel.

Minutos depois, entrava no vasto recinto fronteiro ao pavilhão real uma extensa procissão de rapazes, conduzindo lampiões de varias côres, artisticamente dispostas e combinadas. Na frente da procissão vinham os dragões e a serpente illuminados e conduzidos á cabeça dos rapazes, que lhes imprimiam movimentos anomalos, desordenados. Em frente da tribuna, a serpente e os dragões prostraram-se, em signal de submissão, e destacaram-se para um dos lados do recinto, onde continuaram as evoluções extranhas, para uso e gaudio do povo. Entretanto, os portadores de balões e lanternas alinhavam-se a quatro de fundo e procediam ás permutações, combinações e arranjos das variadas cores das luzes, deslocando-se em todos os sentidos.

Com grande pezar nosso, mas por attenção ás reclamações imperiosas dos nossos respectivos estomagos, tivemos de retirar-nos antes de findarem por aquelle dia as festas. Eram 9 horas quasi, quando nos sentamos á meza do jantar.

VI

Baile no consulado. Jantar no paço. Prerogativas reaes. O *Fausto* e a marimba. As bandas de jasmim. Amabilidades reaes. A rainha de Siam. As reaes concubinas. A cremação. Flores de sandalo. *Struggle for ... lemons*. Bom systema de loteria. A memoria d'el-rei. O bazar dos premios e a industria allemã. Despedida.

No dia seguinte, voltamos ás festas da cremação. O mesmo espetaculo, na mesma ordem da vespera. Convencidos de que visto uma vez, estava aquillo visto para sempre, retiramo'-nos ás 7 horas, para jantarmos e prepararmo'-nos para o baile no consulado portuguez.

Esteve animado o baile. Fôra convidada a *élite* europeia de Bangkok e reuniram-se alli mais de trinta damas. Houve ceia fixa, sendo o primeiro turno de 11 talheres para os donos da casa, ministro de Portugal e Estados-Unidos e respectivas esposas, um general francez, os *chargés d'affaires* de França e Inglaterra e a esposa do consul inglez.

No dia 16, ás 4 horas da tarde, o ministro portuguez acompanhado do secretario da legação, dirigiu-se ao ministerio dos negocios extrangeiros, onde se realisou a primeira conferencia com o principe Devawongse.

A's 8 horas, houve jantar no paço, em honra do ministro portuguez. O talher fronteiro ao d'el-rei foi destinado á esposa do ministro. Do lado d'el-rei, sentavam-se os grandes da côrte. Do lado

fronteiro, o pessoal da legação, o duque de Southerland, que viera assistir ás festas, duas damas inglezas e varios funccionarios europeus ao serviço do governo siamez. Ao todo 42 talheres.

El-rei trajava grande uniforme de general, tendo a tiracollo a banda da gran-cruz da Conceição.

O jantar correu silencioso. Ninguem fallava alto, senão el-rei, que, quando não fallava, tossia de grosso, como se tivesse uma bronchite asthmatica inveterada. Escusado accrescentar qne ninguem mais ousava tossir, o que sería grave crime de lesa-etiqueta.

De quando em quando, Sua Magestade dirigia a palavra a algum principe e em seguida ria com uma gargalhada larga, sonora, de bom humor. O principe, em resposta, sorria apenas, levemente. Fôra crime rir como el-rei ou achar graça ao que elle dissesse.

O serviço era feito por creados siamezes, uniformisados de calção preto. Por detraz dos convivas, alguns pagens, munidos de grandes leques vermelhos, produziam, a intervallos, correntes violentas d'ar, que me mantinham em permanente sobresalto, por mais proprios a aggravarem a minha inconveniente e compromettedora bronchite, do que a avivarem o meu desejo de fazer honra á cozinha real.

Durante o jantar, a banda real tocou dois *pot-pourris* do *Fausto*, que parece estar muito em voga na côrte de Siam, e varios trechos de musica italiana. Nos intervallos, ouvia-se no salão o vago murmurio suavissimo da marimba indigena e de córos a *mezza-voce*, abafados, longinquos, d'uma harmonia original e d'uma toada melancolica. Foi a unica vez que ouvi com verdadeiro prazer a musica siameza até ao fim.

Terminado o jantar, em que não houve brindes, Sua Magestade dirigiu-se aos reaes aposentos, emquanto os convidados passaram á sala das recepções. Ahi esperava-nos uma surpreza. Varios pagens offereciam a cada um dos convidados uma banda de flôres de jasmim, trabalhosamente entrelaçadas. Acceitei uma, como todos acceitaram; mas devo confessar que fiquei extremamente perplexo, sem saber que destino devia dar-lhe. Conservei-a 'numa das mãos, altamente compromettido, até que vi os outros convidados lançarem a tiracollo a banda de jasmins, como se fôra a de uma gran-cruz.

Minutos depois, entrava el-rei na sala, fumando. Sua Magestade offereceu pessoalmente á esposa do ministro portuguez a respectiva banda de jasmins. Depois foi muito amavel com o ministro, dizendo-lhe, entre outras finezas, que se lembrava sempre da velha amizade dos portuguezes; que a lingua portugueza era ainda hoje indispensavel a quem quizesse passar por illustrado em Siam; que sentia não ter podido ainda visitar Macau, que lhe constava ser uma bonita cidade, etc. Em seguida dirigiu tambem algumas amabilidades á esposa do ministro e offereceu-lhe uma visita á rainha, que se conservava nos respectivos aposentos.

A esposa do ministro acceitou gostosamente, e, pelo braço do principe Devawongse e seguida do ministro portuguez e do pessoal da legação, dirigiu-se para a ala esquerda do palacio, onde são situados os aposentos das reaes esposas.

Sua magestade a rainha, que fôra prevenida da visita, esperava-nos 'numa das salas.

E' uma figura sympathica, a da rainha. Sem ser bonita, porque o não é a sua raça, dispõe todavia de uns olhos negros, velados por longas pestanas, que lhe dão ao rosto oval uma graça in-

definida. O sorriso prejudica immenso o conjuncto, porque descobre uns dentes negros de tinta pelo uso constante do betle e areca nacionaes. Quando se resolverão os siamezes e sobretudo as siamezas a cortar por esse habito pouco feliz?

Sua Magestade vestia calção e meia de seda preta; nos sapatos, luziam fivellas d'ouro com pedras preciosas; uma simples japona preta, cingida ao tronco, abafando o seio, completava o traje extremamente singello da princeza favorita.

O rei de Siam segue, como os seus vassallos, a polygamia. A' maneira dos chinas, tem uma esposa especial, com jurisdicção sobre as outras, mas cujos filhos teem direitos de successão não communs com os dos filhos das outras esposas reaes.

As mulheres do rei são designadas pelo nome de *Nang-ham* que significa, á lettra, mulher prohibida. Esta designação tinha uma razão de ser ainda no penultimo reinado, em que as esposas do rei se achavam confinadas no serralho, com rigorosa prohibição de serem vistas sequer de qualquer subdito siamez ou extrangeiro. O actual rei porém, que tem por vezes demonstrado a sua vontade de cortar por usos absurdos, permitte que as suas mulheres não só possam ser vistas dos extranhos, mas até sáiam do palacio a passeio pela cidade.

Só uma das esposas do rei póde ser princeza. Essa é sempre escolhida entre as irmãs do proprio rei, que não póde procurar a esposa principal senão em familia de nobreza egual á sua. E como em Siam ha só uma familia real e como é muito raro o rei procurar esposa fóra do seu paiz, hoje sobretudo que a Birmania e o Cambodge estão sob o dominio extrangeiro, a consequencia fatal é que o chefe do estado tem de desposar uma irmã. A actual princeza está 'nessas condições;

é filha do fallecido rei e da mãe do principe Devawongse.

As reaes concubinas são colhidas entre as mais nobres familias de Siam. Ou por escolha do rei ou por espontanea offerta dos paes, as futuras esposas são conduzidas para o palacio ainda creanças. Alli ficam vivendo e educando-se até á puberdade ou até que o rei se resolva a elevalas á dignidade de concubinas.

O actual rei foi o primeiro a estabelecer que, chegadas á edade da puberdade, as educandas sejam consultadas sobre se desejam ser esposas reaes. No caso affirmativo, continuam vivendo no palacio ; no caso negativo, retiram-se com a sua virgindade. Até ao presente reinado, nunca a opinião das principaes interessadas poderia valer ; os paes, ambiciosos, determinavam ; as filhas, submissas, obedeciam. A consequencia era elevar-se o numero de concubinas do rei a muitos centos e por vezes a mais de mil. Hoje, o rei escolhe as suas esposas entre as que o desejam ser ; e, se as outras querem continuar a viver no palacio real, são elevadas á cathegoria de damas de honor da rainha, conservando todavia a faculdade de se retirarem quando lhes aprouver.

A um leve signal de cabeça da rainha, depois de algumas perguntas e comprimentos trocados, retiramo'-nos de novo aos aposentos d'el-rei, onde nos demoramos até cerca de meia noite, hora a que Sua Magestade se retirou á sua camara.

Os dias 17 a 19 dispenderam-se em visitas e passeios aos arredores de Bangkok e na segunda conferencia com o ministro dos negocios extrangeiros.

O dia 20 era o destinado á cremação de dois dos cadaveres. A's quatro horas da tarde, o rei, seguido dos principes e ministros, lançou fogo ás py-

ras que se erguiam no templo e sobre as quaes haviam sido collocadas as urnas de madeira, forradas exteriormente a folha d'oiro, contendo os cadaveres do principe e da princeza. As urnas, que haviam figurado na procissão para o transporte dos cadaveres, tinham sido postas de parte, para receberem depois da cerimonia os restos da cremação e occuparem os logares que lhes pertencem, entre os penates da familia real de Siam.

Depois de ateada a fogueira pelos principes e nobres, seguiam-se os extrangeiros, que foram convidados a entrar no templo e a contribuir para o ateamento do fogo sagrado. Para a minha contribuição, deu-me o governador de Paknam uma bellissima rosa, feita de lascas de sandalo e com o pé ornado de folhas perfeitamente serradas e botões artisticamente imitados. Fiz desde logo tenção—com lealdade o confesso—de subtrair á sorte que lhe fôra destinada este primor da arte siameza, sob pena de deixar apagar-se a fogueira á minha passagem em frente da pyra. Felizmente, pude fazel-o sem escandalo, porque á porta do templo havia larga provisão de flores da mesma materia prima, embora mais grosseiramente trabalhadas. Guardei na copa da minha *claque* o precioso specimen, e para descargo da minha consciencia, tomei na mão um feixe das outras flores de sandalo e lancei-o corajosamente sobre as duas pyras.

No templo, acotovellavam-se os visitantes, precipitando-se para a porta de saida, apenas haviam transposto a d'entrada e contribuido para atear o fogo. Um forte cheiro a carne queimada infectava o recinto e obrigava á saida tão rapida, quanto o permittia a decencia. O fumo negro, fuliginoso, subia em volutas para os corucheus do templo, abertos para lhe darem saida franca para a atmosphera.

Emquanto os extrangeiros visitavam o recinto sagrado, o rei e os principes e nobres conservavam-se de cocoras no interior ou na vasta escadaria do templo. Admiravel olfato, que permitte tão extranho sacrificio!

Saindo do templo, visitamos os jardins annexos, agora franqueados ao publico. Alli ao menos respirava-se um ar mais puro, graças á direcção do vento, que impellia para o lado opposto as columnas de fumo, dimanadas da cremação.

Dos jardins, dirigimo'-nos para o recinto exterior, onde se erguem os pavilhões. Ahi esperamos que findasse a cremação e que o rei e a côrte viessem tomar os seus respectivos logares para gozarem mais uma vez a repetição das festas, inalteraveis até então no seu programma diario.

D'esta vez, porém, com grande surpreza minha, houve uma importante alteração. Chegado ao pavilhão real e ouvido de pé o hymno siamez, S. M. sentou-se e começou a atirar pequenos limões ao grupo dos ministros, dos extrangeiros e dos nobres. O mais curioso porém era ver como os ministros, primeiros contemplados, se rojavam no chão e se disputavam os limões entre si. Quando o rei se voltou para o grupo dos extrangeiros, atirando-lhes mãos cheias do desejado fructo, o meu espanto subiu de ponto, ao ver como o enthusiasmo dos ministros siamezes se communicára a alguns europeus e, o que é mais, a duas senhoras inglezas, que se debatiam corajosamente pela presa dos limões. Pela minha parte pude sem grande esforço apanhar dois e, quando me preparava para abril-os, veio um terceiro bater-me em cheio na base do nariz. Felizmente que não uso lunetas; se as usasse, teriam sido victimas da amabilidade real.

Aberto um dos limões, encontrei dentro d'elle, paciente e artisticamente introduzida, uma moeda de prata de 10 atts. 'Noutros limões, a moeda contida era de 20 atts. E era tudo. Os limões, que davam logar a tanta disputa, continham pequenas moedas de prata!

Acabada a real distribuição de limões, começou a de avellãs. Dentro de cada uma havia um bilhete com um numero, correspondente a um objecto exposto no bazar, que se erguêra no recinto das festas. Era uma loteria com todos os bilhetes premiados. Devo confessar que me enthusiasmou este processo de loteria, unico possivel em que eu lograria ver premiado o meu bilhete.

Antes de começar a atirar ao acaso e a mãos-cheias as avellãs, S. M. chamou pelos seus nomes cada um dos ministros e entregou-lhes em mão uma avellã. Voltando-se em seguida para o grupo dos extrangeiros, chamou successivamente para o mesmo fim as esposas do ministro portuguez, do consul de Portugal, do consul de Inglaterra e outras damas que estavam presentes. Depois seguiram-se o ministro e mais cavalheiros, designados todos pelos seus respectivos nomes, com grande espanto meu pela memoria do monarcha siamez, que assim consegue reter, sem os confundir, os nomes de tantos individuos. Por ultimo, tendo entregado a cada principe e a cada nobre da sua côrte uma avellã, recomeçou S. M. a scena dos limões, uma chuva sobre os tres grupos subjacentes á tribuna real.

Cá fóra, na estrada, o povo apanhava limões, atirados d'um pavilhão pelo principe real. Chegava a todos a alegria da festa.

Durou uma hora pelo menos a distribuição de limões e avellãs. Comprehendi finalmente como poderia gastar-se tanto dinheiro nas festas da cre-

mação. Uma moeda de prata em cada limão, um premio em cada avellã, tudo aos milhares, representa de decerto uma somma importantissima.

Terminada a distribuição, recomeçou a scena das noites anteriores. El-rei lançou o fogo ás peças de artificio e retirou-se em seguida. A luz electrica, as illuminações, os diversos fogos, repetiram-se e succederam-se e o bazar encheu-se de individuos ardendo em desejos de saber o que lhes coubera por sorte nos bilhetes contidos nas avellãs.

Os premios expostos no bazar eram todos—facto sobremaneira extranho!—productos da industria allemã. Apenas um ou outro raro objecto accusava origem siameza, mas perdia-se completamente no *mare magnum* dos premios accumulados no bazar.

Ao ministro portuguez couberam por sorte um estojo completo para escrever, de muito gosto e bastante valor intrinseco, um annel d'oiro com inscripções siamezas e varios outros objectos de menor importancia. A esposa do ministro recebeu uma grande taça de *german silver*, um estojo de *picnic*, etc. Pela minha parte, o melhor de quatro premios que me pertenceram foi uma taça de antiga loiça siameza, vidrada, com que me dei por bem pago do trabalho de apanhar as avellãs. Em todo o caso, recebendo os outros premios, de origem allemã, não pude deixar de sentir que S. M. Magnifica não tivesse um pouco mais de amor nacional, distribuindo como prendas commemorativas da cremação uns budhas, uns rubis, umas coisas quaesquer mais siamezas, mais caracteristicas... e de maior valor intrinseco.

Antes de nos retirarmos do recinto das festas, soubemos pelo principe Devawongse que S. M. não poderia 'naquella noite conceder ao ministro

portuguez a audiencia de despedida que lhe promettêra, mas que S. M. se dignava considerar como effectuada.

E assim nos retiramos de Bangkok, em meio das festas que iam ainda prolongar-se por mais oito dias, até á cremação do outro cadaver exposto no templo. Afinal, a unica ceremonia que deixamos de ver foi a da separação das cinzas, de que uma parte é recebida na respectiva urna e a outra lançada com toda a solemnidade nas aguas do Ménam, que aqui substitue o Ganges indostanico.

VII

Em viagem de regresso. Outra vez o *Medusa* e o seu *salão*, Ko-si-chan. A suzerania chineza. Singapura. Metamorphoses. Um hotel modelo. A caminho.

A's 2 horas da tarde de 21 de fevereiro embarcavamos de novo a bordo do *Medusa*, onde fomos achar o mesmo amavel capitão, o mesmo machinista feroz e o mesmo numero de passageiros de 1a. classe.. O consul e a consuleza de Inglaterra haviam sido substituidos pelo consul e a consuleza de França, os condes de Kergaradec.

Já era falta de sorte! Não que a companhia dos condes não fosse excessivamente agradavel; mas iamos ter outra vez *todo* o *salão* ao nosso dispor: e era d'isso que eu tremia. Felizmente para o ministro, o commandante, 'num rasgo de amabilidade, cedeu-lhe o seu camarote sobre a ponte, ao lado do dos condes de Kergaradec; mas foi occupar na camara o que á vinda pertencêra a s. exa.; de modo que a mim continnou a caber-me em partilha a terça parte de um camarote a dois beliches.

A bordo vieram despedir-se de s. exa. o consul e a consuleza de Portugal, o inspector geral das alfandegas, Fidelis da Costa, e o marquez governador de Pak-nam. A's 3 horas, o *Medusa* levantou ferro e ao anoitecer fundeou na embocadura do Ménam, esperando a maré para sair.

Só ás 7 horas da manhã seguinte largamos na direcção de Ko-si-chan, uma ilha do golfo de Siam, aonde os navios procedentes de Bangkok vão rece-

ber a carga que os estorvaria de transpor a barra, por muito pouco funda, ainda nas marés vivas. As fazendas a carregar são transportadas a Ko-si-chan em barcaças de 100 toneladas de lotação.

A's 11 da manhã fundeámos em 6 braças de agua. A's 4 da tarde fomos a terra, uma terra erma, deserta, com tres ou quatro habitações de pescadores, mas com uma esplendida praia de banhos, onde em determinada epoca do anno vem refrigerar-se o *high-life* de Bangkok, dando á pobre ilha de Ko-si-chan a animação ephemera das nossas praias. Em frente da praia de Ko-si-chan, surge do mar uma ilha mais pequena, mais despovoada e mais coberta de vegetação. E' ahi, ao que parece, que S. M. Magnifica tenciona estabelecer brevemente uma *villa* para sua residencia d'estio. Faz muito bem S. M. Antes gastar 'nisso o dinheiro do que em pagar tributos ao Celeste Imperio.

Ainda ha poucos dias se retirou, desgostoso, de Bangkok um emissario chinez, que alli veio saber o motivo por que ha 30 annos a esta parte o reino de Siam deixou de pagar o tributo á China, sua pretendida suzerana. A resposta foi que se não pagava o tributo, porque não havia dinheiro. E a China decerto não irá lá buscal-o á força na ponta das lanças dos seus bandeiras negras. A China não ignora que a França e a Inglaterra são, como ella, estados limitrophes de Siam.

A's 11 horas da noite, completa a carga, levantou ferro o *Medusa*, e por uma noite de limpido luar seguiu com a sua velocidade de 10 milhas por hora em direcção aos Estreitos.

Na manhã de 26 fundeavamos no porto de Singapura, depois de uma viagem monotona, sem episodios, sem uma nota alegre, mas tambem sem cheiros de jacca nem enjôos dos nossos companheiros de viagem. Antes assim.

Chegados á capital dos estabelecimentos do Estreito, operou-se no pessoal da legação portugueza uma transformação radical. S. exa. o ministro desappareceu, para dar o logar ao governador da provincia de Macau e Timor; o secretario foi substituido pelo chefe do serviço de saude; o addido partiu para Macau; e no logar d'elle ficou o filho do ministro, ajudante d'ordens do governador. Tudo isto com uma simples assignatura d'umas portarias de s. exa.

Assim, eis-nos agora a caminho das Indias hollandezas, que nos separam do districto de Timor, aonde em serviço de inspecção se dirigem o governador e o chefe do serviço de saude da provincia.

Em Singapura, demoramo'-nos ainda até ao dia 1 de março, esperando a saida do vapor da mala hollandeza para Java. Estivemos hospedados no *Hotel d'Europe*, o melhor talvez de Singapura, mas um dos peiores, sem dúvida, de todo o Oriente. E' realmente inacreditavel que um porto de tanta passagem como Singapura, escala forçada de todos os navios destinados ao extremo Oriente, sendo para mais uma colonia ingleza e das mais ricas, se veja reduzido a um hotel reles, ordinario, pandilha, com fóros de primeiro albergue da cidade!

Para se avaliar do movimento do hotel e da qualidade dos hospedes, bastará dizer-se que, em fins de fevereiro, se encontravam alojados alli, entre cento e tantos individuos, os seguintes: SS. AA. RR. os condes de Bardi, SS. EE. o governador de Macau, os condes Gelizi e Lucebesi, a condessa de Kergaradec, o barão Reidebrand e a baroneza Hastings. Para se apreciar devidamente o tratamento, bastará affiançar que a sobremeza, quer do

almoço, quer do jantar, se limitou sempre, sem excepção, ao seguinte: queijo, laranjas, bananas. De *entremets*, nem o cheiro. E o peior é que desde a sopa ao assado, o jantar não estava em relação com a sobremeza; porque era peior e menos variado.

Emfim, quatro dias onde quer se passam, quando ha saude e paciencia. Nenhum dos hospedes do *Hotel d'Europe* morreu de fome, apezar de tudo; mas devo confessar que, pela minha parte, foi com uma alegria de creança que entrei a bordo do *Amboina*, com destino a Batavia.